



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por JOSE' DO VALE

Desenhos de CASTANE'



RA uma vez um Soberano que vivia muito feliz com sua mulher, uma filha e vários criados, num castelo soberbo, onde as torres e minaretes, no alto dum monte, pareciam que se engolfavam na espessura das nuvens.

Deu-se o caso de ser convidado este Soberano a tomar parte numa Guerra, a fim de expulsarem uma invasão de povos bárbaros que devastavam vários povoados e casais, como a loucura dum tufão.

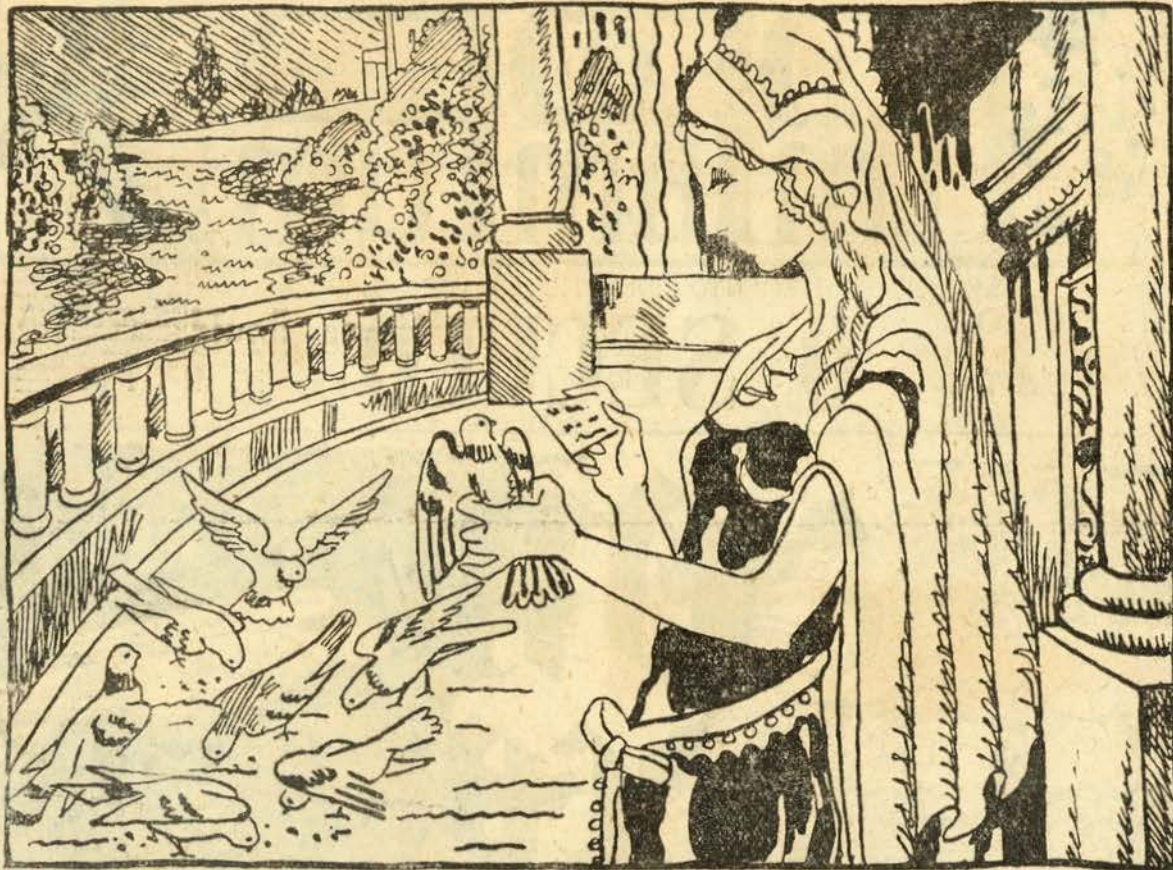
Esta Guerra era muito distante.

Ora, como podia demorar muitos anos e os transportes não era ligeiros, o Soberano, antes da partida, disse a sua mulher que não compromettesse a mão de sua filha sem que elle voltasse, porque desejava casá-la com um certo homem de bem.

Um dia a filha do Soberano, quando o seu pai já estava ausente, havia tempos, levantou-se mais cedo do que era seu costume, lavou-se, fez o toucado como nos dias anteriores e foi dar de comer a um grande bando de pombas que vinham pousar no terraço.

Tinha acabado de espalhar umas mãos cheias de milho, quando viu, com certa admiração, um pombo estranho, manso, que trazia um papelinho, atado ao pescoço, com este simples dizer:





— «A maior riqueza que há no mundo é a Saúde, a Virtude e o Saber!»

A menina, que vivia no recato do castelo, inexperiente e nova como era, não sabia compreender bem até onde chegava a latitude da última palavra nem lhe era possível adivinhar quem seria o autor.

Lançou ás pombas os restantes punhados de milho que tinha no regaço e foi perguntar a sua mãe quem teria escrito aquelas palavras.

A mãe que não tinha conhecido a letra que o marido propositadamente disfarçara, respondeu-lhe, então, nos termos seguintes:

— «Olha, minha filha, provavelmente o pombo hóspede vai comer a outro pombal. E, como é muito manso, é natural que o dono do outro pombal o reconhecesse com boa vocação para recados. Ora, como deves saber, há pessoas bem intencionadas que gostam de fazer a propagação do que é Grande e Belo por tôdos os meios ao seu alcance. Daí o motivo por que tiveste ocasião de ler essa máxima de Moral».

— «Mas, então, o que no mundo é grande não são os palácios, as tôres dos castelos, a riqueza dos reis, dos príncipes e outros soberanos com o comandos das suas tropas?»

— «Não, minha filha. Só é grande a Virtude e o Saber,

como diz o papelinho do Pombo hóspede, ou antes «Pombo Correio».

— «Então, explique-me, por favor, o que é a Virtude».

— «Olha, minha filha, faz essa pergunta por escrito, num outro papelinho e coloca-o, pendurado com uma fitinha verde, no pescoço do Pombo hóspede que éle há-de trazer-te, o mais depressa possível, a desejada resposta.

Eu também te podia dar a explicação. Mas, abstenho-me, porque, assim, pode ser que tomes mais sentido.

*

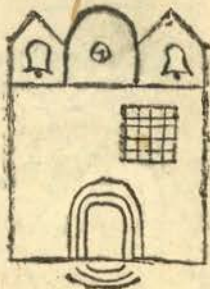
A menina apressou-se a fazer o que sua mãe lhe indicara, e voltou, em seguida, para a sua mesa de trabalho, mais ou menos preocupada no anseio da resposta. Ao fim de três dias voltou, logo de manhã, o Pombo com a resposta, dizendo:

— «A Virtude que vós procurais, é o triunfo do Bem, através dos defeitos humanos!...»

Mãe e filha olharam-se mutuamente, não dizendo mais nada. E, sem que elas o soubessem, fôra o pai que, lá de longe, por intermédio do «Pombo Correio» que, propositadamente ensinara, — assim continuava a educar a sua querida filha, um dos principais encantos de seus dias.

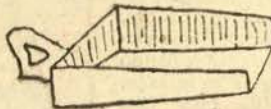
F I M
PITORESCO

E
NI
GMA



10

R



WIS
ALB.

A ORIGEM DO DEDAL

Por TAUZINHA

Desenhos de A. CASTANE



aldeia de XXX era uma povoação humilde que ficava no Algarve. A Natureza operara maravilhas de beleza, pois a paisagem estasiava. Alongando-se léguas e léguas, a vista, ávida de policromia, embriagava-se na grandiosidade do panorama, rico de côres, desde o seu verde escuro

ao seu matiz mais claro.

O rio nascia lá longe e, mansamente, corria,—(às vezes hesitante como uma criança que desse os primeiros passos...)—e, na sua marcha serena, espelhava o castelo que, lá no alto do môrro, se mirava nas águas que passavam entre árvores frondosas e tapetes de verdura.

O oceano rugia ao longe, sôfrego daquela água. O castelo erguia-se, muito branco e esguio, parecendo querer voar para o céu, numa ância de liberdade... Era a residência dos condes de XXX. Viviam felizes junto da sua única filha, uma morena linda, de vinte anos apenas, que, como o seu castelo, parecia querer demandar regiões mais belas, alma de artista habituada a emoções de arte e beleza.

Nas tardes cálidas de verão, sentada à janela



que dava para o sul, contemplava o oceano imenso...

A guerra começara. O conde, cumprindo o seu dever de patriota, partira. A pátria precisava de braços valorosos que a dignificassem. Partira... Mas nos olhos das duas virtuosas mulheres, não houve uma lágrima que denunciasse a crudelíssima dôr que as lanceava. Naquela mansão, tão linda, os dias sucediam-se, uns após outros, iguais monótonos.

A condessa e a filha confeccionavam roupas para as crianças cujos pais se batiam também pela causa sagrada da Pátria. A guerra, com tôdas as suas incertezas e horrores, prosseguia.

Uma noite batem apressadamente ao portão; um grupo de homens trazem ferido, semi-morto um jôvem guerreiro a quem, regressando à sua Pátria, o mar traiçoeiro roubara a embarcação, servendo os companheiros e poupando-o, para, por momentos, com êle brincar, arremessando-o a um rochedo, onde aqueles pescadores o haviam salvo.

Sabendo a generosidade da condessa, traziam-no para que o tratasse.

O pobre náufrago melhorava lentamente; porém os cuidados da condessa e da filha eram tais



(Continua ua 7.ª página)



Por JOÃO MARIA NASCIMENTO

Desenhos de A. CASTANÉ



PEDRO e Zéca eram dois garotos muito interessantes. Vizinhos e condiscípulos, era natural que entre eles houvesse amizade.

Zéca porém não gostava de Pedro. Este, porque era bondoso e inteligente, muitas vezes tentou grangear a estima de Zéca mas aquele resistia-

lhe porque o invejava, não lhe perdoando os seus estudos, e os seus triunfos.

Assim, enquanto Pedro concluía com brilho o seu curso, Zéca saía da escola um ignorante.

Passaram-se muitos anos!...

Pedro matriculara-se nas Belas Artes para on-



de a sua vocação o impelira, e tornara-se um artista de valôr...

Um dia foi convidado a pintar um grande quadro para o interior duma Igreja, cujo assunto seria a «Entrega de Cristo aos fariseus». O nosso artista lançou-se ao trabalho com fervor, mas, quando quiz esboçar a figura de Judas, hesitou!... Andou uns dias preocupado, pois segundo a sua fórmula de ver, aquela figura devia possuir o simbolismo da perfidia...

Pôs de parte o trabalho durante alguns dias, e começou a procurar um modelo!

O acaso levou-o, certa tarde, para os arredores de Lisboa, onde o artista contemplava as maravilhas da Natureza.

Estava embebido nos seus pensamentos quando surgiu na sua frente um vagabundo, cujo aspe-



cto era pouco tranquilizador num local isolado como aquele!... A sua expressão era tão feroz, seu rosto mostrava tanta maldade, que o artista por momentos sentiu-se receoso! Era, porém, corajoso e, reagindo, perguntou-lhe se queria alguma coisa.

— «Tenho fome»; respondeu numa voz gutural!... Pedro abriu a sua mala e deu-lhe o lanche que trouxera.

Enquanto o vagabundo devorava o alimento, o nosso pintor pensava:

— «Que belo Judas para o meu quadro!... Porque não hei-de propôr a este homem que me sirva de modelo? — (E, enchendo-se de coragem, disse:) — Meu amigo. Sou pintor e encontro no senhor características que necessito para modelo duma obra!... Quere, a trôco dalguns escudos, ir ao meu atelier tôdos os dias?»

— «Irei» — (respondeu, num repelão, o vagabundo.

Depois de lhe indicar o local e a hora, o pintor retirou-se, deixando-o no mesmo sítio...

Chegou o dia da primeira sessão e o artista não contava muito com a promessa do homem. À hora combinada, porém, apareceu!... Entrou receoso naquela casa de trabalho, olhando desconfiado para tudo!...

O artista confortou-lhe o estômago, e, em seguida, começou a esboçar-lhe as feições. Sempre num mutismo absoluto, quando acabou a sessão, pegou, sôfrego, no dinheiro e retirou-se. Ao acabar

a terceira sessão, o artista notou que o vagabundo fixava, com uma curiosidade inaudita, um pequeno quadro suspenso na parede do seu atelier. Representava o jardim dum colégio, e vários garotos brincando. O quadro, pintado pelas mãos do artista, tinha tanta vida que quasi havia a impressão de ouvir os garotos brincando...

O vagabundo, insensivelmente, aproximou-se da tela, e não despegava os olhos do quadro. O artista contemplou-o intrigado, e viu que, pelo seu rosto enegrecido, corriam grossas lágrimas! Impressionado fortemente, perguntou-lhe com ternura:

— «Que tem, meu amigo? Que recordação lhe aviva este quadro, lembrança dos meus tempos de criança?»

O vagabundo, então, olhando fixamente o pintor, murmurou:

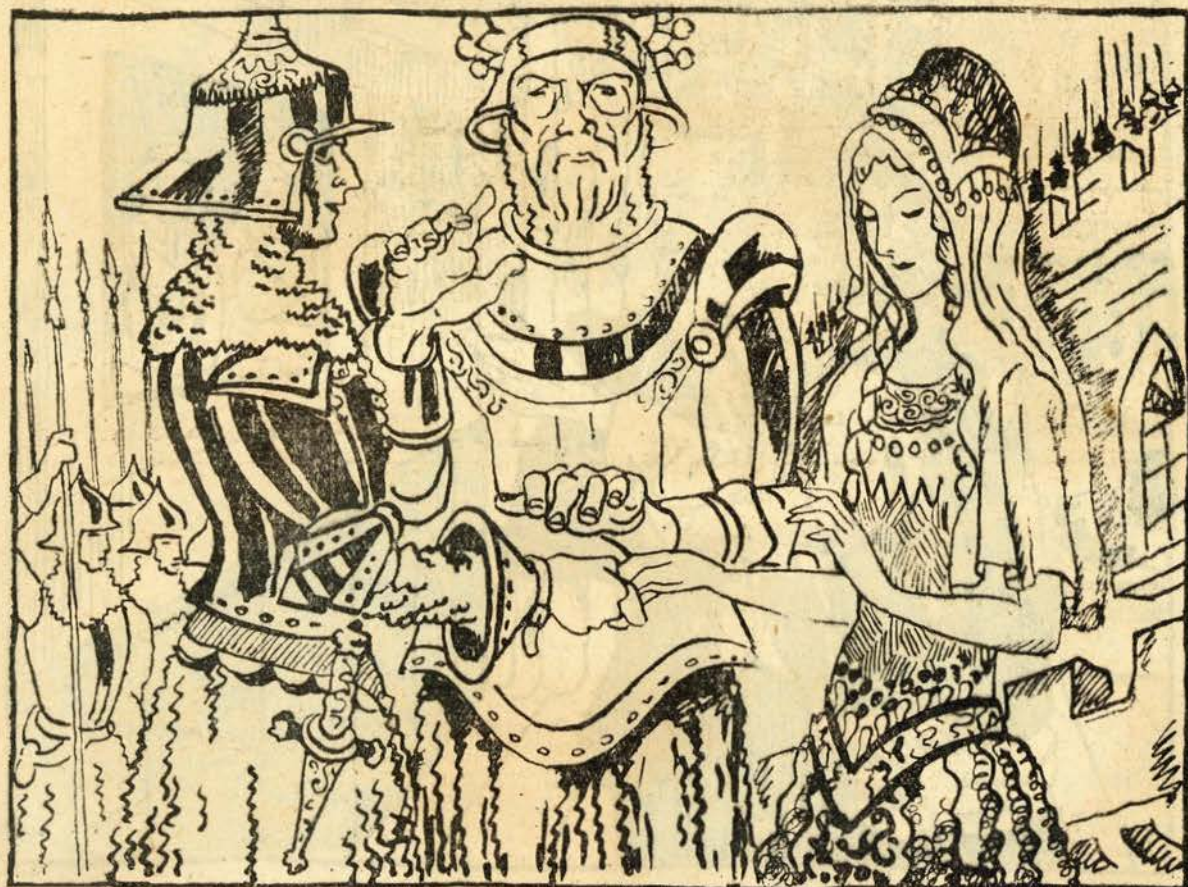
— «Pedro, sim, és tu!...» Ao ouvir pronunciar seu nome por aqueles lábios tão contraídos pela dôr, o pintor ficou suspenso.

— «Conhece-me? Quem é, então?» E o infeliz apontando um dos garotos, reproduzidos no quadro, exclamou num soluço.

— «Sou este, o Zéca!...

Não vos posso descrever o espanto e a dôr do artista ao reconhecer, naquele desgraçado, o seu condiscípulo de outra...

Meus meninos; ponderai bem neste conto, e não vos esqueçais que aquilo que semeardes será o que colhereis.



que a convalescença veio rápida. Melhorava sensivelmente, docemente embalado pela voz da gentil condessinha que lhe contava as lendas da região, enquanto as mãozitas brancas bordavam. Mas a agulha, beijando-lhe o dedito, maldosa, a pouco e pouco picava-o, fazendo brotar o sangue.

O mancebo, nada mais tendo com que recompensar a condessinha, ofereceu-lhe, então, uma concha que arrancara do rochedo onde o mar o arro-

jou, uma concha rosada, da fôrma dum dedal, para que o dedo não se ferisse.

Finalmente o conde voltou coberto de glória e a linda condessinha uniu para sempre a sua vida ao cavaleiro que o seu cuidado salvara. A linda concha foi guardada e ao melhor ourives foi encomendado um dedal em ouro lavrado.

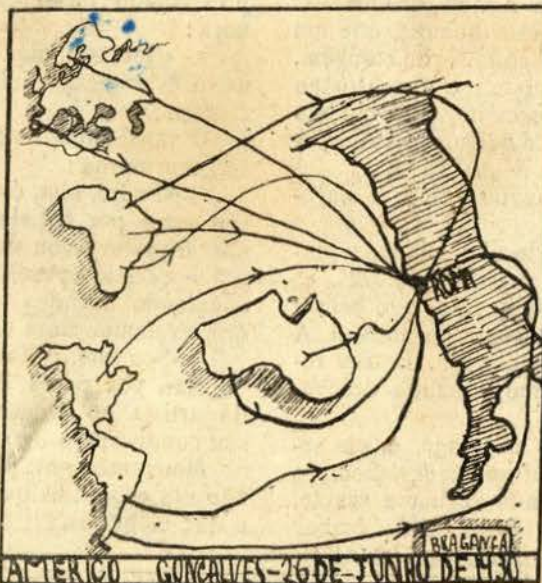
E', desde essa remota época, que todas as mulheres usam dedal

ENIGMA PITORESCO

Solução do enigma anterior:

Os membros da assembleia Gonçalves são:

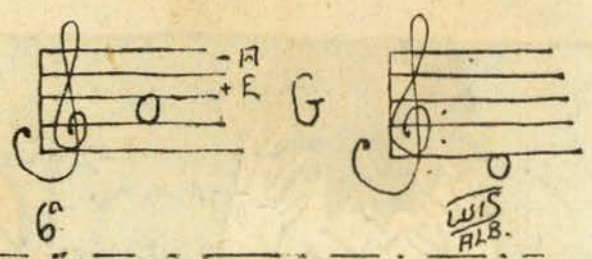
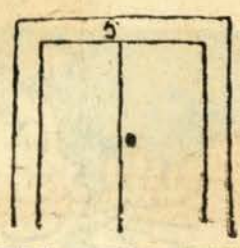
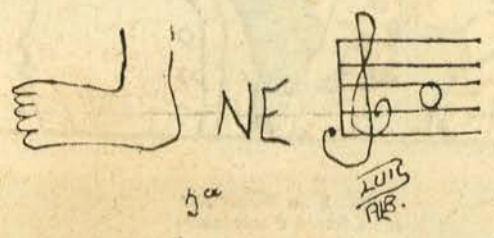
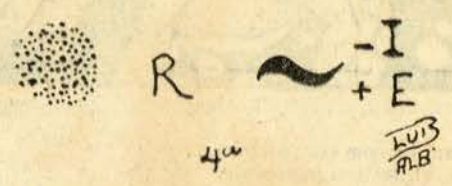
Barnabé,
Belisário
e Ambrósio.



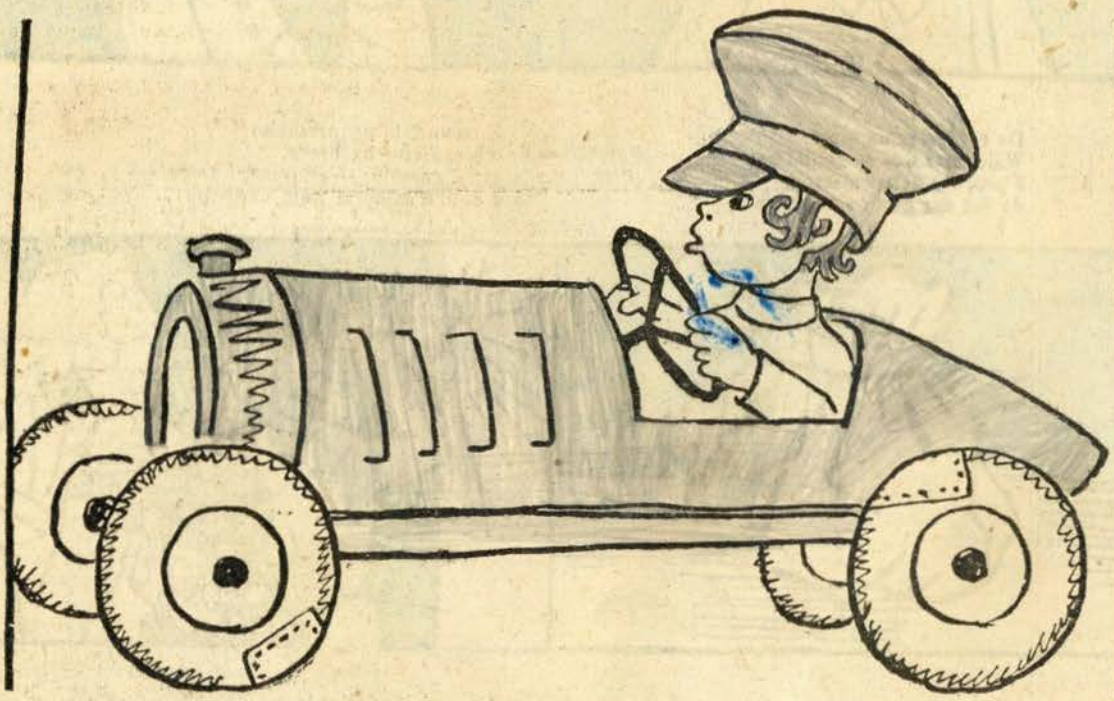
Solução do problema anterior (nomes)

José	Artur
António	Miguel
Joaquim	Francisco
Manuel	Luis
João	Filipe
Isidro	Custódio
Frederico	Fernando
Mário	Alfredo
Cândido	Rui
Augusto	Pedro

ENIGMA PITORESCO



PARA OS MENINOS COLORIREM



UMA SURPREZA DE ESTALO



A mãe de Waldemar
fazia trinta e seis anos;
mas Waldemar e seus manos
nada tinham para dar.

Foram ter com seu paizinho...
Mas, aí, foi tempo perdido,
pois que se havia esquecido
de trazer um pres:ntinho.



De cotovelos na mesa,
Waldemar não se conforma;
e procura achar a forma
de lhe dar qualquer surpresa.

E como este pequerrucho
é levarinho da breca,
grita, en'anto: — «Eureca, Eureca!»
e ei-lo a assoprar num cartucho...



Enche-o de ar; ata-lhe um laço,
com linda fita de seda;
e chama a Mãe que, mui leda,
a sorrir, dá-lhe um abraço.

Uma oferta delicada,
julgá a Mãe estar no embrulho;
mas, nisto, ouve um tal barulho
que quási cai desmaiada.